

“*Iz Shverr Tzu Zain a Id*”: Judaísmo e crise econômica na Amazônia

Elias Salgado¹

Resumo: Este trabalho analisa a relação entre o judaísmo e a crise econômica ocorrida na Amazônia, especificamente nas décadas de 50 e 60. Assim, busca-se fazer uma comparação entre as comunidades judaicas de Belém e Manaus, ensejando deslindar como se desdobrou o judaísmo entre esses dois grupos religiosos sefarditas, em tempos de crise econômica. Tomaremos os apontamentos de Samuel Benchimol, como parâmetro, para realizar esta discussão.

Palavras- chave: Judeus; Crise econômica; Amazônia.

Introdução

Os judeus de origem ashkenazita possuem um ditado em seu dialeto, o íidiche, bem antigo e muito expressivo, como costumam ser os ditados deste ramo étnico do judaísmo: “*Iz shverr tzu zain a id*” - É pesado (é difícil) ser judeu.

Tomo a liberdade para parafrasear esta peça milenar da cultura ashkenazita e pergunto ” *Es iz tayer tsu zeyn idishe ?*“ – “ É caro ser judeu?”.

E o que pretendo com isso, além do trocadilho em si, qual o seu significado? Refiro-me ao fato de que para além dos momentos trágicos a que foi submetido o povo judeu ao longo da sua história, a prática judaica, a guarda das tradições religiosas, o cumprimento de todos os rituais da vida de um judeu, a manutenção das estruturas de ação sócio-comunitária e mesmo estar e conviver em comunidade demandam um alto custo financeiro.

Como todo dito tem seu fundo de verdade e encontra seu espelho na realidade onde nasce, seria então evidente concluir que o mesmo acontece com o presente jogo de palavras, pois também reflete uma verdade.

Neste caso, caberia a seguinte pergunta: como, apesar da penúria, em vários períodos históricos de centenas de comunidades através de todo o mundo judaico, tanto o ashkenazi, o sefardi e o mizrahi, mesmo vivendo adversidades de toda ordem, bem ou mal sobreviveram por séculos de Diáspora, não sem grandes sobressaltos que ameaçaram sua existência, a exemplo da expulsão de Espanha em 1492, no caso do mundo sefardi, da tragédia sem precedentes na História que foi o Holocausto, que dizimou mais de 6 milhões de judeus na 2ª Guerra Mundial, e o fim do judaísmo nos

¹ Pós Graduado em História pelo Melton Centre – Hebrew University of Jerusalem. É pesquisador, especialista em Judeus na Amazônia. Associado do NIEJ – Núcleo de Estudos Judaicos da UFRJ e Co- fundador do Portal e Arquivo Histórico Amazônia Judaica – www.amazoniajudaica.com.br. Este texto foi publicado na **Revista Amazônia Judaica** (www.amazoniajudaica.com.br), nº. 10 – Abril 2017).

países árabes, de onde foram expulsos ou viram sua integridade ameaçada, consequência da fundação do moderno Estado de Israel.

Como já citamos, existiram inúmeros momentos difíceis para os judeus esparsos em diversos países. E nestes, somente o alto nível de resiliência, autopreservação e coesão comunitária puderam ajudar. Até que, em casos extremos, quando não lhes restava outra alternativa, só a emigração, o deslocamento constante de grandes contingentes populacionais, salvaram tais comunidades, como o caso das imigrações dos séculos XIX e XX para as Américas e para a Palestina, como era chamado o território que é hoje conhecido como Israel, desde seu ressurgimento, em 1948.

O povo judeu, de forma alguma, é o único povo do mundo a passar por percalços históricos de tal montante. Tampouco só ele elaborou elementos de preservação que o levaram a sobreviver. Na História há vários outros casos de sobrevivência e preservação e também de desaparecimento de grupos e povos. Os diversos contingentes de imigrantes e migrantes, tais como os judeus, árabes, portugueses, cearenses, entre outros, que hoje conformam o mosaico de população branca que colonizou o norte do Brasil, a partir do século XVIII, são exemplos do gênero.

Judaísmo e crise econômica na Amazônia

O caso dos judeus oriundos do Marrocos que migraram para a Amazônia ao longo do século XIX se insere no contexto das grandes migrações daquele período, ocasionadas por transformações sócio-econômicas relacionadas ao advento da industrialização e o surgimento do capitalismo na Europa, e de problemas específicos enfrentados pelos judeus no Marrocos, tais como perseguições e massacres e empobrecimento da população dos *melláhs*, os bairros povoados por judeus.

A história desta imigração tão singular, as diversas fases do seu estabelecimento na Amazônia brasileira, a adaptação, aculturação e assimilação desses judeus, bem como sua evolução e contribuição para a sociedade, a cultura e a economia da região amazônica, já vem sendo estudada desde os anos 80 pelos pesquisadores do tema sem, é claro, que se haja esgotado o tema.

Visando contribuir com tais estudos é que apresentamos, a seguir, um recorte temático retirado deste universo histórico. Trata-se de uma análise comparativa das consequências da crise econômica que abateu a região amazônica durante as décadas de 50 e 60, em particular, as comunidades judaicas de Belém e Manaus.

Quem primeiro analisou e comparou estas duas comunidades à luz da crise econômica do referido período foi o estudioso, Prof. Samuel Benchimol em sua obra de referência *Eretz Amazônia, judeus na Amazônia* (1998). Ele o faz ao dividir o estabelecimento judaico na região em quatro gerações:

A fase dos pioneiros que se internaram e se expandiram ao longo dos rios, vilas, povoados e seringais da hinterlândia; o período da prosperidade do efêmero boom da borracha; a época da crise do êxodo do interior que motivou a urbanização e concentração nas cidades de Belém e Manaus, incluindo uma nova diáspora para o Rio, São Paulo e exterior e, finalmente, o tempo dos doutores e professores, em que os jovens judeus buscam alcançar uma nova imagem e status cultural (BENCHIMOL, 1998, p. 14.)

Ao tratar de crise econômica, ele destaca dois períodos críticos. O primeiro, de 1911 a 1940, que corresponde à derrocada do Ciclo da Borracha e as suas consequências imediatas, bem como seus reflexos mais tardios, que seriam: o êxodo do interior para as capitais Belém e Manaus; a primeira onda migratória judaico-amazônica para o sudeste do país e o surgimento da comunidade judaica de Manaus. Este período corresponde ao que ele chamou de terceira geração.

Já o segundo período de crise, que vai de 1950 a 1960, foi consequente do fim dos Acordos de Washington de 1942 e o seu programa de recuperação dos seringais, visando a renovação da extração da borracha e o auxílio no esforço de guerra.

Agora tudo isso havia ficado no passado, os americanos tinham abandonado a região e a economia mostrava fortes sinais de decadência. Nem mesmo os incentivos fiscais da SPVEA foram suficientes, agravados pelo fato de que muitos recursos foram drenados para fazendas de gado no sul do Pará, Rondônia e norte do Mato Grosso, além de empreendimentos inviáveis.

Segundo Benchimol (1998, p. 137)

As exportações de borracha passaram a constituir monopólio federal do Banco da Borracha e, com isso, desestruturou-se toda a economia das empresas judaicas aviadoras e exportadoras desses produtos. O Bancrévea, antecessor do Banco de Crédito da Amazônia e do atual Banco da Amazônia, foram os coveiros da economia extrativista regional (...)

Restaram, de acordo com sua observação, apenas a castanha e outros produtos regionais, que ainda conseguiam manter uns poucos empreendimentos de pé.

Esta segunda crise regional, que ocorreu no período da quarta geração dos judeus na Amazônia, a qual Benchimol denomina “geração de doutores e professores”, foi marcada por um novo êxodo para o sudeste e grave crise comunitária em Belém e em Manaus, porém nesta última, ele afirma ter sido de menor escala.

Analisando comparativamente os efeitos da 2ª. crise econômica nas comunidades de Manaus e Belém

Ao analisar em termos comparativos as consequências da crise econômica do período entre 1950 e 1960, parece haver uma tendência, de parte de Benchimol (1998, p. 149) de avaliar a opção daquela geração (de se tornar “doutores”/”profissionais”) como consequente de uma vontade e

também de uma necessidade dos judeus da 4ª. geração de ascenderem socialmente. Sobre Belém, ele afirma: “Esta quarta fase do judaísmo amazônico, centrada nas profissões, empobreceu as comunidades judaicas, sobretudo a de Belém, pois esta perdeu poder econômico para sustentar os serviços necessários e requeridos pela comunidade local...” Desta forma, se livrariam do preconceito e do estigma do judeu rico e usurário mas... sendo a razão para a crise que se abateu sobre a vida comunitária, principalmente de Belém, onde teria sido mais aguda. Tal fato nos leva a pensar que somente uma comunidade de empresários ricos e bem-sucedidos pode ficar de pé e manter os seus serviços.

Tal sensação é reforçada, quando Benchimol afirma que Manaus, diferente de Belém, em função da criação da Zona Franca naquela cidade, conseguiu manter a comunidade e fazê-la crescer. Vale ressaltar aqui que o crescimento a que se refere o pesquisador não é o de membros, mas sim de estrutura comunitária (“uma grande sinagoga e um grande clube e melhoria de serviços comunitários”).

Além da Zona Franca, ele cita que o sucesso da comunidade de Manaus também se deve à existência, naquela comunidade, de uma “liderança de qualidade, que revelou muito dinamismo” que, diferente daquela de Belém onde, apesar da crise, a comunidade viu surgir mais uma sinagoga (do movimento Chabad), além das duas já existentes, Essel Abraham e Shaar Hashamaim. Estas se mantêm com imensa dificuldade, demonstrando assim, pouca coesão e falhas de ação da liderança daquela comunidade.

Já a comunidade judaica manauara, ele lembra, soube melhor responder aos sinais da crise e unificou as duas sinagogas existentes anteriormente (a dos “megorashim”, exilados de Espanha) e a dos “toshabim” (forasteiros), na atual Esnoga Beit Yaacov-Rebi Meyr, já que não havia mais a possibilidade de se formar um *minyan* (quorum de dez homens) para as cerimônias religiosas. Além disso, foi criado o Clube Hebraica de Manaus.

“Dialogando” com o grande mestre Samuel Benchimol (Z’L): apenas alguns contrapontos

Uma estrutura comunitária com seus serviços religiosos e sócio-culturais é bem possível que sim, se veja abalada diante de problemas financeiros de seus membros, consequência da situação econômica da região onde aquela *kehilá* (comunidade) esteja localizada.

É bem verdade que o judaísmo é uma religião eminentemente coletiva. Mas a judaicidade coletiva e individual de um grupo, sua identificação e os elementos de pertinência não têm necessariamente relação com a sua situação econômica ou sua escolha profissional. Acaso só comunidades ricas sobrevivem? Acaso, além da crise econômica, da opção profissional, não existiriam

outros fatores em jogo, tais como a aculturação, a forte assimilação e até mesmo a modernidade judaica, que afastou contingentes da prática religiosa, um dos pilares do judaísmo na Amazônia, cuja vertente é tradicional–conservadora?

E todas as pequenas e pobres comunidades e de todos os gêneros étnicos, em particular as judaicas, que sobreviveram séculos a fio, apesar de crises econômicas, no mundo ocidental e no Oriente Médio, compostas, em sua absoluta maioria, por pequenos artesãos e seres economicamente marginalizados?

Outra questão: acaso a comunidade de Manaus é mesmo mais “forte” do que a de Belém? Em quais outros aspectos, além da estrutura comunitária coesa, se dá tal supremacia?

A comunidade de Belém, diferente de sua co-irmã de Manaus, ao optar por um judaísmo conservador de tendência mais ortodoxa, não estaria, por isso mesmo, encontrando dificuldades de aproximar, atrair e manter adeptos, já que a realidade é que a prática religiosa ortodoxa há muito deixou de ser seguida pela maioria?

Tentando concluir

Fica claro que concluir não é de maneira alguma esgotar o tema, apenas dar um ponto final temporário ao mesmo, na tentativa de lograr contribuir e avançar um pouco mais.

É fundamental reafirmar que qualquer grupo ou comunidade, diante de crises financeiras, a exemplo das que abalaram as diversas comunidades amazônicas e também a judaica, provavelmente teria abalos e dificuldades como os que registramos anteriormente.

Mas acreditamos que não seria correto afirmar que os problemas econômicos foram a única razão para as crises comunitárias ao longo da História, em particular as que atingiram a presença judaica na Amazônia, e muito menos acreditar que uma opção profissional – deixar de ser uma comunidade de empresários e comerciantes, para se tornar uma sociedade de classe média, composta por profissionais liberais, como no caso da comunidade judaica da Amazônia– tenha sido a causa maior da crise pela qual passou aquela comunidade no período aqui analisado.

Apesar de analisar brilhantemente as causas que teriam levado os membros da quarta geração de judeus da Amazônia a tal opção- as advindas da história judaica mundial e as específicas da história dos judeus na Amazônia - o grande estudioso Samuel Benchimol, em certa medida, chega a nos levar a discordar dele. Mas se tudo aconteceu pelas causas que ele estudou, parece que, mesmo tendo sido um ilustre “sfata” (sefardi autêntico), provavelmente conhecia aquele antigo ditado ídiche e com ele

comungava. E quero acreditar que ele também concordaria com o jogo de palavras aqui feito, por este seu discípulo que vos escreve.

REFERÊNCIAS

- BARNAVI, Elie. *História Universal dos judeus*. Lisboa: Editora Contexto, 1992
- BATISTA, Djalma. *O complexo da Amazônia: análise do processo de desenvolvimento*. Manaus: Editora Valer/Edua/Inpa, 2007.
- BENCHIMOL, Samuel. *Eretz Amazônia*. Os judeus na Amazônia. Manaus: Valer, 1998.
- HELLER, Reginaldo. *Judeus do Eldorado: reinventando uma identidade em plena Amazônia*. Rio de Janeiro: E-papers, 2010.
- LIBERMAN, Maria. *Judeus na Amazônia brasileira, séculos XIX e XX*. São Paulo. Tese de doutorado, USP, 1990.
- GRINBERG, Keila (org.). *Os judeus no Brasil: inquisição, imigração e identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- GRINBERG, Keila e LIMONCIC, Flávio. *Judeus Cariocas*. Rio de Janeiro: Cidade Viva Editora, 2010.
- SALGADO, Elias. *Presença judaica na Amazônia – preservação e aculturação*. *Jornal Amazônia Judaica*, n. 6, set., 2002.
- SALGADO, Elias. *História e memória: Judeus e industrialização no Amazonas*. Rio de Janeiro: Editora Amazônia Judaica, 2015
- SANTOS, Dina Paula. P. *A participação da comunidade judaica no desenvolvimento da economia de Manaus: do Ciclo da Borracha à Zona Franca de Manaus*. Disponível em: www.amazoniajudaica.com.br.

ABSTRACT: Essay analyzes the relationship between Judaism vis-à-vis the economic crisis that took place in the Amazon region, specifically in the 50s and 60s of past century. In sequence, it compares the Jewish communities in the cities of Belém and Manaus, concerning an elucidation on how Judaism unfolded among the religious Sephardic communities in these cities, during that economic emergency. In the course of this presentation, our theoretical basis comprises writings by Samuel Benchimol.

KEY-WORDS: Jews; Economic crisis; Amazonian region

Recebido em: 28.05.2020.

Aprovado em: 21.07.2020.